

Encruzilhadas e indícios sobre a América Latina

Maria do Céu Diel



Imagens, rastros, pedaços, vestígios...

Para iniciar a apresentação desta resenha, gostaria de servir-me de um autor que muito aprecio: Carlo Guinsburg..em seu livro, o Fio e os rastros Guinsburg principia escrevendo que nunca interessou-se pelo fio de Ariadne que guiou tão prontamente Teseu para fora do labirinto do Minotauro...ele diz que prefere sim olhar para o chão e ver as inúmeras pegadas deixadas pelo ir e vir de Teseu, seu esforço para encontrar a saída, suas voltas e avanços, suas descobertas e frustrações. Para ele, são as partículas reviradas de areia, as pegadas calcadas aqui e ali, os rastros finos deixados pelas andanças e as hesitações, tão verdadeiras quando se trata de pesquisa.

Gostaria de agradecer o convite para apresentar esta resenha da publicação: Encruzilhadas e indícios sobre a América Latina, organizada pela Profa Dra. Martha Cecilia Herrera.

Evocarei, portanto, as imagens errantes que estão povoando nossos olhos nestes dias em Ouro Preto. Estamos sendo olhados pelas janelas, pelas portas e balcões...nossos passos estão errantes nas calçadas e

nas ladeiras de pedra, o chamado pé de moleque...nossas mãos tateiam as paredes em busca de mais segurança para o caminhar...os olhos erguem-se e deparam com torres, cúpulas e agulhas das igrejas barrocas...vozes e cores, línguas e sotaques, tudo exige atenção e o que vemos, ouvimos e respiramos dificilmente abandonará nossos sentidos.

Movimentos e andanças, percursos, estradas, atalhos, escavações..não por acaso estamos na cidade construída com a extração e a exploração, do ouro, das imagens, das palavras... entre as pedras e talhas, podemos vislumbrar e descobrir mais e diferentes formas de caminhar...assim gostaria que pudéssemos ter como imagem errante nossos próprios corpos em meio às cunhas, janelas e balcões da história que nos observa sem tempo nem lugar.

O que um viajante lembra de uma viagem? Como recordar-se de tudo o que foi visto, nos inúmeros percursos do corpo e do espírito? Quase como em uma colagem de imagens e sons, tentamos fotografar, desenhar, gravar...somos conscientes dos clarões e lacunas da memória, buscamos nos certificar de que não nos escapará nenhuma imagem, nenhum afeto...mas pedaços vazarão de nossas memórias, poeira que constituirão outras formas de lembrarmos de tudo... Poderemos imprimir textos, poemas e trocar livros, guardar os objetos da memória...mas o que escapa, as coisas que não conseguimos lembrar mas sem esquecer, para estas coisas é que gostaria que olhássemos hoje à noite. Pois também em nossas pesquisas fazemos escolhas, olhamos atentamente isto ou aquilo, elencamos sujeitos, editamos falas e imagens, visitamos uma biblioteca entre tantas, selecionamos desenhos, pinturas, vocabulário, nomeamos percursos que denominamos de metodologia, o que torna visível um processo de pesquisa.

Como Martha escreveu em sua apresentação, o livro está dividido em três partes: na primeira estão aglutinados trabalhos sobre políticas públicas cidadania e formação moral. Na segunda, estão reunidas investigações reflexivas sobre os objetos de estudos dos educadores e práticas políticas. E na terceira parte estão os trabalhos relacionados com sujeitos, memória e educação.

Olhando detalhadamente vemos as escolhas: no primeiro grupo de pesquisadores, Ana Montenegro vê o sonho de conformação

do estado argentino através do ufanismo dos símbolos pátrios e nos livros para leitura escolar, onde a Pátria torna-se outra mãe para se amar; Azucena Rodriguez aproxima-se de Rousseau diante de dilemas atuais na educação do México; Ernesta Zamboni conversa com crianças pequenas que descrevem suas idéias sobre o descobrimento do Brasil e Tiradentes e suas imprecisas noções cronológicas; Maria Inês convive em seu texto com o Banco Mundial, a Unesco e a Cepal que propõe controles para sanar os problemas da educação nos países em desenvolvimento.

No outro grupo de pesquisadores, vemos Águeda Bittencourt do mundo bem intencionado e silencioso de professoras primárias com formação religiosa no estado de Santa Catarina, onde não encontrou biblioteca, mas pessoas gentis e um belo pomar. Maria do Carmo Martins que nos escreve que a viva memória de fatos inenarráveis emudece, transforma e transmuta os seres que se transformam em fatos poéticos para continuarem existindo, mesmo no universo da escola; Lucia Beatriz Garcia apresenta o estado da profissão de acadêmico e pesquisado na universidade argentina e compara a outros países; Vera Lúcia Rossi nos fala dos afetos e seus lugares nos Projetos Político-Pedagógicos, os movimentos dos habitantes da escola, os desejos e as invejas, que produzem movimentos inesperados no ambiente escolar, e Maria Cristina Piñeda reflete junto com um grupo de professores diante do poliperspectivismo e a força de um trabalho de ação coletiva.

Por fim, no terceiro grupo de pesquisadores encontramos Milton José de Almeida, que vê no afresco do Triunfo de São Tomás em Firenze como uma alegoria do atual estado da Educação, regida por projetos com a lógica do bem e ausência do humano; Renata Giovine e Liliana Martignoni ocupam-se de compreender como a palavra cidadão no contexto escolar segue frágil e não basta para dar respostas aos setores sociais no começo deste século; Ana Maria Manzione situa seu foco em escolas de educação básica em Buenos Aires, focando a gestão escolar e a tensão entre as normas oficiais e a realidade cotidiana, mostrando a complexa rede simbólica e imaginária das relações humanas; Alejandra Corbalán apresenta entrevistas com jovens sobre a serventia da escola, suas respostas semelhante se confusas e o cuidado na

abordagem de pesquisas que tem como foco a linguagem expressiva dos seus atores; Yemi Cardenas, Vladimir Olaya e Fernando Estupiñan mostra que histórias de vida de crianças como um objeto privilegiado da ciência, chamando a atenção para o processo de formação dos professores e a invenção da infância. ;, Martha Cecilia Herrera, Vladimir, Raul Infante e Aléxis Pinilla agrupam-se a jovens em Bogotá para conversar sobre suas músicas, danças, roupas e afetos para descobrir juntos o caminho das identidades. Por fim, Raquel Viviani Silveira adentra em sua pesquisa com Epicuro e nos mostra entre tantas estantes aquela onde os livros de auto ajuda, os testes de personalidade e os manuais mostram desejo de auxiliar o ser humano a superar sua humanidade conflitante.

Termino aqui e a todos deixo uma pergunta: quando escolhermos uma coisa e não outra, quantas coisas deixamos de ver para enxergar outras? Pesquisas deixam rastros, não só em quem nos lê, mas em nós mesmos, que nos recordamos do que perdemos. E as partes perdidas, reconhecidas por nós, serão os vestígios delicados de pensamentos que não de vir.